



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Há Mistérios no Fundo do Mar

A informação chega-me através da florentina Ana Monteiro, ambientalista, cidadã, pessoa empenhada na causa pública açoriana, para além de qualquer interesse pessoal ou facciosismo de circunstância. Sabe, a Ana, aquilo que merece ser valorizado nos Açores. O projecto Atlas, revelou o Observatório do Mar dos Açores, descobriu doze novas espécies do mar profundo do Oceânico Atlântico e quatro delas foram encontradas nestes mares açorianos.

É incrível ainda haver estas descobertas. Há, na Natureza, um mundo que ignoramos. E isso é, antes de mais, extraordinário. Não está tudo descoberto, como se costuma dizer em tanto lado, enfadadamente. Subsistem razões para o maravilhamento. Existe, lembra Marina Carreiro e Silva (também amiga, desta feita de adolescência, há muito a viver com a família no Faial), um dos elementos da área de investigação envolvidos no empreendimento, um desconhecimento relativo a estes ambientes, numa altura em que se estima haver cerca de um milhão de espécies de animais e plantas ameaçados. Os animais recém-descobertos, diz a Marina, poderão estar viver sob ameaça das mudanças climáticas. Imperioso se torna olhar com atenção e preocupação para os preciosos fundos marinhos.

Uma das espécies encontradas, o cnidário *Epizoanthus martinsae*, informa-se, coloniza os esqueletos de corais negros dos Açores e foi uma das novas espécies descobertas. Encontrado no canal, entre as ilhas do Faial e do Pico, a cerca de 360 metros de profundidade, com o auxílio do submarino Lula 1000 da Fundação Rebikoff-Niggeler, tem a referência designação em homenagem à norueguesa Helen Martins, empenhada investigadora estabelecida, em 1976, na cidade da Horta, pioneira na investigação ainda hoje existente.

Também fiquei a saber de uma notícia recém-publicada no jornal picoense Ilha Maior: no Pico existe vinho a envelhecer no fundo marítimo. A unidade de turismo Pocinho Bay encontra-se a desenvolver uma experiência de envelhecimento de vinho nos fundo do mar, comprovando a tese de enólogos experimentados que fizeram a experiência do processo em diversas zonas do mundo. Acreditam eles que “os factores oceânicos desenvolvem um efeito

positivo nos vinhos, comparativamente aos que estagiam em barricas da carvalho francês”. Tal se deve à temperatura, à ausência de luz e de oxigénio e à pressão e ao movimento das correntes marítimas e das marés.

Já existem motivos de festejo. Depois de nove meses de estágio no fundo do mar, chegou à tona de água o vinho branco *white by Pocinhobay*. E no mês de Novembro último foram colocadas no fundo do mar, numa gruta a 16 metros de profundidade, trinta garrafas de vinho da colheita de 2018. Vão subir no mês de Maio.

Além disso – e a crónica do Corpo Santo entra cada vez mais em assumido modo de garrafeira jornalística –, há o Gruta das Torres, produção limitada da Cooperativa Vitivinícola da Ilha do Pico, com uma particularidade: o vinho esteve, durante dezasseis meses, em estágio no principal túnel lávico da Gruta das Torres. O enólogo Bernardo Cabral classifica-o com um “vinho com um perfil vulcânico único”.

Acrescente-se por fim que devia ser dada às espécies de mares profundos a oportunidade de bebericar estas pomadas, para citar a saudosa personagem hermaniana José Esteves.

Centenário do Santa Clara

Comemorou-se o centenário do Santa Clara. Os festejos continuarão até ao final do ano. O sportinguista José do Carmo Francisco, em prosa recente, citou uma crónica de Sidónio Bettencourt, autor do texto “Alma Santaclarense”. As palavras são de Sidónio: “este sempre foi um clube eclético”, promovendo modalidades várias, como o atletismo, a natação e o hóquei em patins. No futebol “as primeiras camisas eram de meia tingidas a vermelho, as peúgas eram de lã de Santa Maria, as botas de couro de bezero e a bola com atacadores pesados como burro”. O histórico Santa Clara, quer queiram quer não os que puxam por outros clubes açorianos, todos – todos mesmo – dignos do maior respeito, é uma instituição que representa os Açores em Portugal continental. Sei disso porque era assim que me falavam da equipa quando vivia em Lisboa. No dia do festejo ouvi um tema do brasi-

leiro Jorge Ben, “Santa Clara Clareou”. E clareou mesmo. E vai continuar a clarear.

Introdução aos Palavrões Açorianos

A propósito de um artigo que estou a escrever a partir da série, recente, da Netflix chamada “História dos Palavrões” (em inglês “History of Swear Words”), fui buscar o livro “O Calão – Dicionário de Gíria Portuguesa”, de Eduardo Nobre, edição da Casa do Livro Editora (1980), que o meu avô João Pereira da Costa arrumou numa das estantes da casa dos meus avós maternos, localizada na Rua José Estevão, bairro da estefânia, Lisboa. Entre obras de José Cardoso Pires e Ruben A., de Curzio Malaparte e João de Melo, e entre muitos livros de História política, o meu avô guardava um volume de *slang* tuga. Que conta, na capa, com um *cartoon* de Augusto Cid, no qual um polícia leva pelo braço um indivíduo, com uma faca nas costas, a praguejar o que lhe vem à ideia. E o que lhe vem à ideia não são palavras bonitas.

“História dos Palavrões” é um programa educativo que aproveita para soltar a língua. A gente aprende e ri-se. Se é para ver em família? Escolha cada adulto. A partir da adolescência sabe-se que o compêndio verbal de cada um atinge catedráticas competências. Com apresentação de Nicholas Cage, a série pretende, e consegue, sem ser exaustiva, ser didáctica, fazer o desenho do histórico do palavrão das ruas (e das habitações) e entreter. O resultado não é transcendente mas, feitas as contas, cumpre o desígnio. Os especialistas, os lexicógrafos, os comediantes, os militantes da causa igualitarista, ora enquadram cada um dos palavrões ora comentam o impacto do vernáculo nas suas vidas. Sabemos que cada um tem no bolso o seu catálogo de palavrões. Pergunto ao leitor: qual a sua asneira de estimação? Ok, fica entre nós.

Não há açoriano que não faça uso do seu palavrão. Nem que seja baixinho. Somos picantes como a massa de malagueta. E temos as nossas especificidades. Há verdadeiros Bocages ambulantes em todas as ilhas, em todas as classes sociais, em todos os ofícios, inclusive os espirituais. Um dia irei explorar, criativamente, o assunto.

Ana Carvalho defende lançamento de empreitadas públicas promovido “com rigor”

A Secretária Regional das Obras Públicas e Comunicações, Ana Carvalho, defendeu a necessidade de o lançamento das empreitadas públicas ser promovido “com rigor”, visando evitar “desvios” nos custos e nos prazos de execução das obras.

“Vamos continuar a promover o lançamento de empreitadas em função das necessidades de cada um dos departamentos [do Governo Regional] e iremos executá-las com rigor. É o que pretendemos, muito rigor, de maneira a que deixe de haver desvios nas obras, quer em custos, quer em prazos”, declarou Ana Carvalho, que reuniu, em Ponta Delgada, com a Direcção da Associação dos Industriais de Construção Civil e

Obras Públicas dos Açores (AICOPA).

A titular da pasta das Obras Públicas – que chegou ao Governo dos Açores com o novo Executivo do PSD/CDS-PP e PPM, eleito em Outubro de 2020 – referiu que estes desvios, “às vezes, aconteceram no passado, mas por várias circunstâncias”, e pretende-se “evitar que isso volte a acontecer”.

Ana Carvalho, que aguarda a última alteração nacional do Código dos Contratos Públicos, para analisar e decidir se há necessidade de adaptar o diploma aos Açores, ressaltou, contudo, que “existem algumas coisas no actual diploma que já mereciam revisão”. A governante considerou que o sector da construção civil “tem promovido

a continuidade de muito trabalho na Região” e “sem este, seria bem pior a situação das pessoas, porque há muitos trabalhadores nesta área”. A responsável salvaguardou que o Executivo e a AICOPA “estão em consonância em várias áreas como as relacionadas com alvarás e projectos, a par dos preços base das obras e cumprimento de prazos”, entre outras matérias.

A Presidente da AICOPA, Alexandra Bragança, considerou “excelente” a ideia lançada pela Secretária Regional das Obras Públicas e Comunicações de “centralização do processo de lançamento do procedimento de contratação pública”. “Vai haver aqui uma perfeita revolução na forma de agilizar

e instruir todos os processos, uma vez que será a Secretaria Regional das Obras Públicas e Comunicações a monitorizar todo esse processo”, frisou. Alexandra Bragança defendeu a necessidade de manter o investimento público, que, “se se mantiver conforme os últimos anos, ou se conseguir crescer um pouco, será excelente para o sector”, a par da “regularidade e constância ao nível do lançamento das obras públicas”. A responsável referiu que, apesar da pandemia da Covid-19, o investimento em obras públicas “tem sido constante”, mas no sector privado “o decréscimo tem sido brutal, não sendo possível quantificar de forma exacta”.